



Monitor de conjuntura política

Leonardo Barreto

A ascensão de Eduardo Cunha

1. Eduardo Cunha está tentando tirar o foco da crise da Petrobras do Congresso Nacional de volta para o Planalto;
2. O primeiro lance foi assumir para si a missão de criticar a Procuradoria Geral da República e desqualificar pessoalmente Rodrigo Janot, algo do qual se aproveitam todos os envolvidos, independente do partido;
3. O segundo é adotar um discurso belicista contra o PT por um lado e acenar para o Planalto que tem disponibilidade para ajudar a edificar uma base de governabilidade por outro;
4. Com o PT enfraquecido no Congresso Nacional, Dilma torna-se devedora (para não dizer refém) de Eduardo Cunha;
5. Chamou atenção no protesto a ausência de menções aos presidentes Renan Calheiros e Eduardo Cunha durante os protestos, bem como de outros líderes que tiveram os seus nomes envolvidos;
6. Diferente do que aconteceu em 2013, as manifestações de ontem estão focadas no governo federal, no PT e na presidente Dilma Rousseff.

Drive da semana

Um novo governo do PMDB?

Em análise aplicada, a principal pergunta é: o que vem a seguir aos protestos?

Como respostas às manifestações, o governo antecipou que irá anunciar um pacote anticorrupção. No entanto, por mais que a demanda vá ao encontro do que pediram as pessoas que foram às ruas, há riscos envolvidos. O principal deles é fazer parecer que o governo tenta empurrar a crise para o Congresso (mais uma vez).

O Planalto deve priorizar a normalização do diálogo com o Legislativo e não o atendimento de demandas dos manifestantes, que se encontram bloqueados para conversa (veja a bateção de panelas quando algum interlocutor do governo fala na TV ou em entrevistas, algo que denota simbolicamente uma pouca disposição para ouvir).

Reduzir o noticiário negativo com crises fabricadas por derrapagens é condição essencial para começar a diminuir a pressão. A negociação das alíquotas do IR na semana passada mostra que há espaço para melhoria.

A rigor, Dilma, por aprendizado ou por imposição dos fatos, está sendo instada a “parlamentarizar” seu governo, submetendo seus passos e suas decisões à consulta prévia dos aliados congressuais. Somente assim seria possível chegar a uma agenda conjunta que sinalize de forma contundente a execução do ajuste econômico, a realização de alguma reforma política e a elaboração de uma ação concertada para se comportar diante da crise da Petrobras.

Na prática, está-se falando no aumento sem precedente da influência do PMDB, potencializada ainda pela fragilidade parlamentar atual do PT.

Ouvi recentemente de um político importante uma frase que serve bem para esses dias: "(para se reestabelecer) o governo não tem que ficar olhando para trás, tentando consertar seus erros: ele tem que passar a acertar!"